

Em torno do *Eclesiastes* de Damião de Góis*

*O texto do Eclesiastes
– que Góis,
esforçadamente, nos
oferece numa translação
em português,
difícil de superar
na sua época – é uma
interessante e sugestiva
fusão de elementos
sapienciais que, em grande
medida, contestam um
determinado status quo.
[...] E aí temos um
pensamento que é
moderno e que,
há quinhentos anos, num
tempo que preanunciava
já a modernidade,
não escapou à fina
sensibilidade
de Damião de Góis.
Ele também empenhado
num combate de que,
guardadas as devidas
distâncias, não estavam
ausentes algumas questões
similares àquelas
que habitam o texto
do Eclesiastes.*

Dimas de Almeida

Professor da Universidade
Lusófona

Vinte e um anos depois do início da Reforma luterana, e quatro anos depois da publicação da Bíblia de Lutero, saía das oficinas da imprensa de Stevão Sabio, em Veneza, uma singular obra de uma singular figura da cultura portuguesa: a versão em português do *Qohéleth*, (*Eclesiastes*), levada a cabo por Damião de Góis.

Corria, de facto, o ano de 1538 quando tal aconteceu. Revestia-se ainda o acontecimento da singularidade de se tratar do único livro da Bíblia traduzido em língua portuguesa nas épocas do humanismo e da Reforma. Vertido do hebraico, sua língua de origem, assim o intitulou Damião de Góis: *Ecclesiastes de Salaman*, con algumas anotações necessárias.

A tradução de Góis, por motivos desconhecidos, desapareceu pouco tempo depois de ter sido impressa, só voltando a ver a luz do dia quase cinco séculos depois, em Abril de 2000. Esse reaparecimento, verdadeira descoberta, ficou a dever-se ao investigador britânico T. F. Earle (professor de Estudos Portugueses na Universidade de Oxford, desde 1968) que, nesse mesmo ano, a pedido de um colega, se deslocou à Codrington Library de All Souls College, com o objectivo de ver se existia nas estantes daquela biblioteca algum exemplar de uma outra tradução de Góis: a versão também por ele feita do *De Senectute*, de Cícero. E existia, de facto. Não existia, porém, sózinho: o *De Senectute* lá estava,

* GÓIS, Damião de, *O Livro de Eclesiastes*. Reprodução em fac-símile da edição de Stevão Sabio (Veneza, 1538). Edição Crítica e Introdução de T. F. Earle. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

mas encadernado juntamente com o *Ecclesiastes* na tradução goisiana! Ambos saídos do mesmo prelo e no mesmo ano: 1538.

Época de acentuada crise europeia, com as suas importantes vertentes político-religiosas, é a época da ruptura da Igreja no Ocidente, da execução de Thomas More, da morte de Erasmo, do estabelecimento da Inquisição em Portugal.

Que terá levado Damião de Góis a eleger, entre os trinta e nove livros da Bíblia hebraica, precisamente o *Ecclesiastes*, com o objectivo de o traduzir e editar? Provavelmente nunca dispostos de elementos seguros que nos permitam responder de um modo inteiramente satisfatório a uma tal pergunta. Podemos, porém, aduzir como elementos a ter em conta quando se trata de nos confrontarmos com uma tal questão dois factores que me parecem essenciais.

Primeiro, o que tem a ver com o próprio Góis e o seu tempo. À profunda crise em que a sua Europa se debatia, ele reage corajosamente e animado pelo espírito de tolerância. Não há dúvida de que, na circunstância histórica que era a sua, toma posição tanto frente ao erasmismo como ao luteranismo. Mas não só: procura ainda afirmar-se, como humanista, frente à tradição hebraica da exegese bíblica. A esse respeito afirma acerca do *Ecclesiastes* «... despreza tudo, e tudo parece querer mostrar ser vaidade, e abuso: duvidoso, e incerto: tanto que os doutores judeus, principalmente os talmudistas, o quiseram reprovar, e queimar, e de todo supprimir, e soo per duas palavras em que conchui na fim, que sam: ‘Teme Deos, e guarda seus mandados’, o recebêram.» (estas palavras de Góis constam do texto com que dedica o seu trabalho «Ao Muito Magnífico Senhor Rui Fernandez», feitor português na cidade de Anuérpia, e posteriormente, ao tempo da dedicatória, embaixador em França).

Um segundo elemento a ter em conta é o próprio livro do *Ecclesiastes* em si. Penso que os motivos evocados por Góis, que o levam a eleger o *Ecclesiastes*, necessitam ser inscritos no contexto da ampla problemática desse livro. Problemática que, na sua essência, – ainda que não à luz das modernas perspectivas proporcionadas pela investigação historico-crítica – não deve ter escapado ao seu olhar de arguto humanista.

O texto do *Ecclesiastes* – que Góis, esforçadamente, nos oferece numa translação em português, difícil de superar na sua época – é uma interessante e sugestiva fusão de elementos sapienciais que, em grande medida, contestam um determinado *status quo*. O seu autor putativo, Qohéleth, que pode ser considerado o primeiro filósofo judeu, oferece-nos com este livro um interessantíssimo ensaio onde se esboça um diálogo entre as civilizações hebraica e helenística.

O livro critica – e fá-lo de um modo acutilante – toda uma sabedoria tradicional que tinha encontrado a sua expressão particularmente no livro, também ele bíblico, dos Provérbios: o *Ecclesiastes* lança, de facto, um enorme repto à sociedade tradicional, para a qual a questão da verdade nunca é verdadeiramente formulada, pois para uma tal sociedade a verdade confunde-se com o que é transmitido. Repto esse estruturado em nome do pensamento racional e do empirismo.

Mergulhando no âmbito do pensamento helenístico – contexto marcado pela emergência, com Heródoto e Platão, do «eu» individual – o *Ecclesiastes* atesta a emancipação do sujeito e, portanto, o nascimento do indivíduo e do sentimento de liberdade em meio hebraico. É significativo o facto de não termos no *Ecclesiastes* um tipo de discurso que põe em cena uma terceira pessoa – característica frequente dos

outros escritos da Bíblia hebraica –, mas sim um discurso onde o «eu» intervém como instância suprema de percepção.

Percebe-se, ao longo dos doze capítulos do livro, um rico confronto com os problemas ligados à aristocracia de Jerusalém. Além disso, podemos ainda apontar como caracterizante da situação sociorreligiosa do homem sage que se exprime no hebraico falado do texto, um distanciamento entre Deus e o governo, por um lado, e o povo por outro lado. Pressupõe a realidade e o poder absoluto de Deus e do Estado, ainda que o primeiro não se esgote no segundo. A perda de uma autonomia política foi, de certo modo, compensada por um convite para participar na economia do Estado. No dizer de dois especialistas no campo dos estudos da Bíblia hebraica (E. Knauf e A. Buehlmann), «Eclesiastes exprime *uma dupla estrutura de exclusão política e de integração económica*: por um lado o seu pessimismo reflecte a frustração da aristocracia desapossada das decisões políticas; por outro lado, e precisamente pela falta de uma ocupação de responsabilidade, o Eclesiastes teve o tempo e o dinheiro para filosofar como um céptico.»

* * *

Eis alguns dos temas que habitam o livro do Eclesiastes, onde ocorre o casamento judaísmo–helenismo. O seu autor é, provavelmente, um sage de Jerusalém, que pensa em hebraico – o hebraico do livro é um hebraico falado – e que, por consequência, importa o helenismo, sendo que o seu pensamento se inscreve na fronteira daquilo que o hebraico pode exprimir; daí, em grande medida, a dificuldade do seu pensamento.

O seu cepticismo tem como pano de fundo o empirismo que lhe é próprio. Deus é incompreensível, transcendente, «Deus está no céu» (5:1). Daí que o homem, que não está no céu, tenha de encontrar por si mesmo a saída para os seus problemas. Daí ainda que a ética não tenha garantia de êxito para o homem sage. E aí temos um pensamento que é moderno e que há quinhentos anos, num tempo que pré-anunciava já a modernidade, não escapou à fina sensibilidade de Damiano de Góis. Ele também empenhado num combate de que, guardadas as devidas distâncias, não estavam ausentes algumas questões similares àquelas que habitam o texto do Eclesiastes.

* * *

Que Damiano de Góis se tenha empenhado num tal trabalho de translação, e que o tenha feito tão proficientemente, é mais um feito enriquecedor da sua vida e da sua obra. Que quase quinhentos anos depois desse trabalho goisiano ter aparecido e desaparecido, T. F. Earl o tenha desentranhado de uma biblioteca britânica, e a Fundação Gulbenkian o tenha publicado, eis algo que deve motivar o reconhecimento de todos os amantes da cultura portuguesa. A obra aí está para a lermos. Nesse sentido vão as palavras com que o próprio Damiano de Góis termina a sua dedicatória «Ao Muito Magnifico Senhor Rui Fernandez»: «Mas vendo que Salaman neste nosso *Eclesiastes* s'aqueixa do muyto numero de livros que jaa naquelle tempo avia, e aconselha que leamos estes pera nossa doutrina, e que nam curemos de fazer outros: deixei de tomar *aquella* fadiga e tive por melhor trabalho o desta tralladaçam, a qual *Deos* maximo e glorioso faça ser pera saude de sua alma, e de todollos que a lerem. Ámen.»